

TERRITORIALIZAÇÃO DA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA CAPANEMA Ltda (COAGRO): UMA ARTICULAÇÃO ENTRE O LOCAL E O GLOBAL

José Marcos Sinhorini – Aluno do curso de Mestrando no programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP – Presidente Prudente.

sinhorinijosemarcos@hotmail.com

Marcos Aurélio Saquet – Professor do Colegiado de Geografia da UNIOESTE. Campus de Francisco Beltrão/PR.

saquetmarcos@hotmail.com.

A formação de cooperativas no espaço agrário brasileiro, não é um processo recente, tem suas origens no século XIX e buscava minimizar os impactos negativos gerados pelo capitalismo. Mas é com o *novo* cenário político e econômico do Brasil, a partir dos anos de 1950, que surge um “novo cooperativismo”, provocando mudanças significativas na vida cotidiana, na prática agrícola e na produção do espaço geográfico local, territorializando *novos* agentes sociais.

Buscando entender aspectos deste processo, faremos algumas considerações a partir do conceito de território, buscando entender a dinâmica de atuação territorial da COAGRO (localizada no sudoeste do Paraná), como uma das formas de articulação entre o local e o global, comandada pela reprodução e expansão do Modo de Produção Capitalista .

Com este trabalho identificamos e caracterizamos a atuação desta cooperativa no fomento da produção agrícola e os principais impactos territoriais, mostrando o processo de subordinação e exploração de agricultores familiares. Para desenvolver nossa análise, realizamos pesquisas bibliográficas, entrevistas, aplicação de questionários e análise de dados levantados junto a prefeituras, COAGRO, Incra e IBGE.

A partir dos anos 1950, mais especificamente depois de 1970, a expansão do capitalismo no campo brasileiro, através da modernização da agricultura, tornou-se muito mais intensa. Uma das formas de mediação deste processo foi através de cooperativas que, através de incentivos estatais, criaram grandes infra-estruturas para receber a produção, re-vender sementes selecionadas, fertilizantes, agrotóxicos, realizar financiamentos subsidiados, etc. Esta expansão das forças do capital na agricultura brasileira, sem dúvida, garantiu o aumento da produção e do consumo de mercadorias, produzindo *novas* territorialidades. Porém, também produziu impactos territoriais, como a mudança na estrutura fundiária, no uso do solo, nas técnicas de produção, nas relações de trabalho e mercantis, etc. Na integração entre os produtores e o grande capital, parte destes, embora de maneira subordinada, são integrados à ciranda mercantil e permanecem ativos, outros, são expropriados para novas fronteiras agrícolas ou para a periferia das cidades. Para Santos (1994), “dialeticamente, a expansão do território ao mesmo tempo que promove a ampliação

da territorialidade, provoca a desterritorialização de grupos excluídos pelas forças do capital”. (p.19)

No bojo deste processo, acontece a criação de várias cooperativas no Sudoeste do Paraná, entre elas a COAGRO que, a partir de sua fundação, em 1971, com sede no município de Capanema, encontrou na pequena propriedade de trabalho familiar, espaço *fértil* para articular territorialmente produtores aos interesses do capital, garantindo sua re-produção através do poder e força em diferentes escalas espaciais. Ela edifica seu território pois, como afirma Raffestin (1993), não há território sem relações de poder.

Saquet (2002) também ratifica esta questão. Para este autor, o território é a expressão concreta e abstrata do espaço produzido, a partir da multidimensionalidade de uma rede de relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Buscando maior abrangência territorial, a COAGRO, a partir dos anos de 1980, tem diversificado seus negócios. Além do ramo de cereais, comercialização de insumos e oferecimento de assistência técnica, também atua no ramo do leite e supermercado. Com isto, atrai *novos* associados e acumula capital, condição para garantir a incorporação de *novos* territórios. No território de atuação da COAGRO, estão cristalizados os interesses não apenas dos produtores diretos ou da cooperativa, mas principalmente das grandes empresas que dominam o circuito da produção agrícola.

A nível regional, o território da COAGRO é formado por 7 municípios. Tem unidades de recebimento da produção, comercialização de insumos agrícolas e gêneros alimentícios. Ou seja, através de suas ações, forma uma malha, articulada com outras malhas em rede, onde o *nó* principal é a sede da cooperativa, de onde partem decisões e articulações com os demais *nós* que são as unidades. Faz articulações com o global, como é o caso das negociações na comercialização da produção agrícola (soja) no mercado mundial e negociações de compra de insumos e máquinas com corporações transnacionais.

Neste processo, os produtores agrícolas geralmente pertencem ao território de ação de uma cooperativa, de cerealistas particulares ou grandes multinacionais (Cargil, Bunge, etc). Embora possuam liberdade de escolha na hora da compra de mercadorias e venda da sua produção, a inserção no mercado é condição necessária para que este continue ativo enquanto produtor. Apesar de os lugares apresentarem particularidades, estão articulados aos interesses dos agentes do capital que, ao se reproduzir globalmente, produz *novas* territorialidades a nível local e regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **O Retorno do Território**. In: SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. de, SILVEIRA, M. L. (orgs.). **Território Globalização e Fragmentação**. São Paulo, Hucitec, 1994. p. 15-20.

SAQUET, Marcos A. et al. **A formação Territorial no/do Sudoeste do Paraná**. Francisco Beltrão: GETERR, 2002.

TERRITORIALIZACIÓN DE LA COOPERATIVA AGROPECUARIA CAPANEMA Ltda (COAGRO): UNA ARTICULACIÓN ENTRE EL LOCAL Y EL GLOBAL

José Marcos Senhorini-Alumno del curso de Maestrado en el programa de Pos-Graduación en Geografía de la UNESP – Presidente Prudente.
senhorinijosemarcos@hotmail.com

Marcos Aurélio Saquet-Profesor del Colegiado de Geografía de la UNIOESTE. Campus de Francisco Beltrão/PR.
saquetmarcos@hotmail.com.

La formación de cooperativas en el espacio agrario brasileño, no es un proceso reciente, tiene sus orígenes en el siglo XIX y buscaba minimizar los impactos negativos generados por el capitalismo. Pero es con el nuevo escenario político y económico de Brasil, a partir de los años 50, que surge un “nuevo cooperativismo”, provocando cambios significativos en la vida cotidiana, en la práctica agrícola y en la producción del espacio geográfico local, territorializando nuevos agentes sociales.

Buscando entender aspectos de este proceso, haremos algunas consideraciones a partir del concepto de territorio, buscando entender la dinámica de actuación territorial de la COAGRO (localizada en el Sudoeste de Paraná), como una de las formas de articulación entre el local y el global, impulsada por la reproducción y expansión del Modo de Producción Capitalista.

Con este trabajo identificamos y caracterizamos la actuación de esta cooperativa en el fomento de la producción agrícola y los principales impactos territoriales, mostrando el proceso de subordinación y exploración de agricultores familiares. Para desarrollar nuestro análisis, realizamos búsquedas bibliográficas, entrevistas, aplicación de cuestionarios y análisis de datos levantados junto los ayuntamientos, COAGRO, Incra e IBGE.

A partir de los años 50, más específicamente después de 1970, la expansión del capitalismo en el campo brasileño, por medio de la modernización de la agricultura, se hizo mucho más intensa. Una de las formas de mediación de este proceso fue por medio de cooperativas que, por medio de incentivos estatales, crearon grandes infraestructuras para recibir la

producción, revender semillas seleccionadas, fertilizantes, agrotóxicos, realizar financiaciones subsidiadas, etc.

Esta expansión de las fuerzas del capital en la agricultura brasileña, sin duda, garantizó el aumento de la producción y del consumo de mercancías, produciendo nuevas territorialidades. Sin embargo, también produjo impactos territoriales, como el cambio en la estructura fundiaria, en el uso del suelo, en las técnicas de producción, en las relaciones de trabajo y mercantiles, etc. En la integración entre los productores y el grande capital, parte de éstos, aunque de manera subordinada, son integrados al círculo mercantil y permanecen activos, otros, son expropiados para nuevas fronteras agrícolas o para la periferia de las ciudades. Para Santos (1994), “dialécticamente, la expansión del territorio al mismo tiempo que promueve la ampliación de la territorialidad, provoca la desterritorialización de grupos excluidos por las fuerzas del capital”. (p.19)

En el medio de este proceso, se da la creación de varias cooperativas en el Sudoeste de Paraná, entre ellas la COAGRO que, a partir de su fundación, en 1971, con sede en el municipio de Capanema, encontró en la pequeña propiedad de trabajo familiar, espacio fértil para articular territorialmente productores a los intereses del capital, garantizando su reproducción por medio del poder y fuerza en diferentes escalas espaciales. Ella edifica su territorio pues, como afirma Raffestin (1993), no hay territorio sin relaciones de poder.

Saquet (2002) también ratifica esta cuestión. Para este autor, el territorio es la expresión concreta y abstracta del espacio producido, a partir de la multidimensionalidad de una red de relaciones sociales, económicas, políticas y culturales.

Acaparando mayor territorio, la COAGRO, a partir de los años 80, ha diversificado sus negocios. Además del ramo de cereales, comercialización de insumos y ofrecimiento de asistencia técnica, también actúa en el ramo de la leche y supermercado. Con ésto, atrae nuevos asociados y acumula capital, condición para garantizar la incorporación de nuevos territorios. En el territorio de actuación de la COAGRO, están cristalizados los intereses no sólo de los productores directos o de la cooperativa, pero principalmente de las grandes empresas que dominan el circuito de la producción agrícola.

A nivel regional, el territorio de la COAGRO es formado por 7 municipios. Tiene unidades de recibimiento de la producción, comercialización de insumos agrícolas y géneros alimenticios. O sea, por medio de sus acciones, forma una malla, articulada con otras mallas en red, donde el nudo principal es la sede de la cooperativa, de donde parten decisiones y articulaciones con los demás nudos que son las unidades. Hace articulaciones a nivel global, como es el caso de las negociaciones en la comercialización de la producción agrícola (soja) en el mercado mundial y negociaciones de compra de insumos y máquinas con corporaciones transnacionales.

En este proceso, los productores agrícolas generalmente pertenecen al territorio de acción de una cooperativa, de cerealistas particulares o grandes multinacionales (Cargil, Bünge, etc). Aunque posean libertad de elección en la hora de la compra de mercancías y venta de su producción, la inserción en el mercado es condición necesaria para que éste continúe activo como productor. A pesar de los lugares presentaren particularidades, están articulados a los intereses de los agentes del capital que, al reproducirse globalmente, produce nuevas territorialidades a nivel local y regional.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **O Retorno do Território**. In: SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. de, SILVEIRA, M. L. (orgs.). **Território Globalização e Fragmentação**. São Paulo, Hucitec, 1994. p. 15-20.

SAQUET, Marcos A. et al. **A formação Territorial no/do Sudoeste do Paraná**. Francisco Beltrão: GETERR, 2002.